

“REFLEXÕES SOBRE AUGUSTO DOS ANJOS”, DE MARTINS FILHO

Dagmar Aderaldo Chaves

Volume de 140 páginas de texto, de bom aspecto, bem impresso, com matéria esteticamente distribuída, assim é o livro cujo título encima estas linhas. Apresenta a capa posterior ornamentada com uma “**reliquia**”, que é a casa onde nasceu José de Alencar. Na capa anterior, artística, encontram-se o nome do autor da obra em letras negras e o título do trabalho, em letras vermelhas, estabelecendo-se assim, um contraste bem vivo, quanto às palavras e destas, em relação às cabeças que se projetam em torno da figura central (cabeça e parte do busto em real destaque).

Vejo que, instintivamente, ia apreciando a obra em apreço, seguindo o mesmo estilo ou critério que adotava, quando do exame de teses a meu cargo, observando, inicialmente, o aspecto físico, (arte, bom gosto, impressão visual) para, em seguida, analisar o lado cultural (vernáculo, técnica, ciência etc.). Quero desde já não só confessar o meu reconhecimento pela generosa oferta do livro, com gentil dedicatória, mas, também, lamentar que só agora me seja possível acusar o recebimento do mesmo, que é datado de 13 de novembro de 1987.

Quanto à solicitação do amigo e autor no sentido de conhecer as minhas impressões sobre o trabalho em pauta, só a entendo e a aceito diante da profunda modéstia, da grande humildade e do desejo de estimular-me e de homenagear um conterrâneo que respeita e tem profunda admiração pelo consagrado educador, mestre de gerações, criador de universidades, dinâmico administrador.

Integra uma tríade de homens ilustres, com poetas insígnies, eminentes nas letras, no saber, **Cláudio e Martins Alvarez**, que juntamente com Antônio Martins Filho, honram e engrandecem a terra de Alencar e o Brasil. **Benditos os pais, de filhos tais.**

Idealista, trabalhador infatigável, empreendedor, reitor exemplar, conselheiro, cidadão de talento, de cultura solidamente edificada com prolongada, constante convivência literária, impõe-se sua contribuição à literatura como seu cabedal de conhecimentos, de ensinamentos, de experiência.

Francisco de Carvalho, aliás, nos informa no seu pronunciamento, que o presente livro, “é o resultado de uma convivência lite-

rária, de longos anos de estudos e reflexões”, dando seu autor “o testemunho honesto, comovido, sobre fatos importantes e aspectos controvertidos, da vida e da obra de um poeta de gênio”.

O escritor inicia o livro com as palavras de admiração e aplausos ao poeta Augusto Carvalho Rodrigues dos Anjos, que se tornou célebre com o seu livro “**Eu e Outros Poemas**”, de tantas celeumas, indagações, curiosidades, espanto e popularidade.

Já em 1922, Antônio Martins Filho, atual Presidente do Instituto do Ceará, revelava suas tendências literárias, sua vocação pelas letras, participando no Crato, da fundação de uma Academia de Letras, na qual escolhera para Patrono de sua cadeira, o poeta paraibano, não chegando, porém, a elaborar o respectivo “elogio”. Estava em plena mocidade o Mestre de hoje e de ontem, idealizador, “primeiro e único Presidente”, da “**Academia dos Infantes**”, “Sonhadores”, que tinha como divisa: “**ad Augusta per Augusta**”.

Como bom pagador e fiel aos seus propósitos e compromissos, Antônio Martins Filho paga com juros de grande valia, a dívida que outrora contraíra: Com a segurança e a autoridade de que dispõe, as credenciais em que se apóia, escreve sobre a personalidade, a vida e a obra de Augusto dos Anjos, a este rendendo admiração e homenagens, — em demonstração de cultura, conhecimentos, sabedoria, estima e gratidão.

As palavras de carinho do Autor aos filhos José Murilo e Milton, que se identificam com o pai no apreço e aplausos ao poeta, seguem-se os capítulos que compõem o livro, assim intitulados:

1) No Primeiro Semestre de 1922. 2) Um Poeta de Nome Augusto dos Anjos. 3) Síntese Biográfica de Augusto dos Anjos. 4) Augusto dos Anjos — O Poeta da Morte. 5) Augusto dos Anjos e as primeiras críticas ao **Eu**. 6) Augusto dos Anjos e as Escolas Literárias. 7) Razões da Angústia de Augusto dos Anjos. 8) Augusto dos Anjos Poeta Enigmático e Cerebral. 9) Augusto dos Anjos em Outra Dimensão. 10) As Doenças de Augusto dos Anjos. 11) Augusto dos Anjos Um Tema Sempre Atual. 12) Post Scriptum. 13) Augusto dos Anjos Poemas Escolhidos.

No segundo capítulo o Autor confessa que ouviu os primeiros versos de Augusto dos Anjos declamados pelo irmão José D’Alvarez, ficando deveras impressionado com os mesmos, vindo depois a

conhecer o estudo crítico, o trabalho de Mário Linhares sobre o poeta em estudo, com sua complexa personalidade intelectual, sua genialidade, morbidez, originalidade, vocábulos rebuscados e excentricidades. Comenta e elogia o estudo valioso feito por Mário Linhares sobre o vate paraibano.

Em “**A Síntese Biográfica de Augusto dos Anjos**”, Antônio Martins apresenta os elementos fundamentais relativos ao nascimento, desenvolvimento, produtividade e morte daquele que se chamava Augusto Carvalho Rodrigues dos Anjos, que viera ao mundo no dia 20 de abril de 1884, no Engenho Pau d’Arco, Vila do Espírito Santo, na Paraíba.

Vivera em João Pessoa, Recife, Rio de Janeiro e Leopoldina em Minas Gerais, onde faleceu a **12 de novembro de 1914**, aos trinta anos de idade, deixando, no dizer do Autor, “a obra poética mais divulgada e mais discutida na literatura brasileira da atualidade”.

Martins Filho, entusiasta do poeta, lembra o “Elogio” deste, da autoria de Orris Soares, o depoimento de José Américo e outros e recorda que Augusto dos Anjos, possuía sólida cultura humanística, científica, filosófica, tendo sido bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais e professor.

Ao que tudo indica, entendia-se bem com seu irmão Odilon dos Anjos, com quem publicou, de parceria, em 1912, no Rio, o livro de versos **Eu** contendo apenas 58 poemas e sonetos selecionados.

No capítulo, “**Augusto dos Anjos o Poeta da Morte**”, declara o escritor que “o livro de Augusto dos Anjos e as causas da angústia do poeta não podem ser analisados nos estreitos limites destas reflexões”, sendo árdua a tarefa exigida para o exame de pesquisas, análise de informações presentes na imensa bibliografia existente sobre o assunto.

Faz comentários sobre o aparecimento do **Eu** e quanto à personalidade de Augusto dos Anjos, pondo em dúvida a versão de Mário Linhares, segundo a qual, a imprensa e a crítica teriam recebido o livro com **aplausos frenéticos**. Cita o importante estudo crítico de Antônio Torres, de 1914, sob o título “O Poeta da Morte”, negando homogeneidade à obra publicada, primeiro e único livro, de 1912, — com várias edições.—

Antônio Torres, mencionado por Antônio Martins, afirma que no meio das imperfeições do trabalho, de Augusto dos Anjos, havia extraordinária beleza.

Sobre “**Augusto dos Anjos e as Primeiras Críticas ao Eu**”, focaliza Martins Filho, a frustração de Augusto dos Anjos, verificada no Rio, dada a falta de interesse dos editores na publicação do livro, levando-o a fazê-la em parceria com Odilon, o irmão mais velho e também considerada a crítica reservada, parcimoniosa, registrada, então.

O autor recorda as palavras do jornalista e crítico **Osório Duque Estrada** que se refere a “um grande talento, transviado pelo cientificismo, um extravagante volume de versos em que não poucas pérolas se misturam com o grosso cascalho dos exotismos estapafúrdios”.

Antônio Martins assinala a animosidade de **Oscar Lopes** na sua apreciação contundente e as manifestações favoráveis de José Oiticica que considerou Augusto dos Anjos, “um dos representantes da poesia nova”. Hermes Fontes, autor de “apoteose” não regateou elogios à obra.

Registra Antônio Martins as etapas relativas à crítica do livro de Augusto dos Anjos, indo a primeira da publicação do **Eu**, em **1912**, até o ano de **1920** quando do lançamento da 2ª edição, contendo outros poemas selecionados.

No entender do Autor, o elogio de Augusto dos Anjos feito por Orris Soares teve efeitos benéficos incalculáveis e contribuiu, de forma extraordinária, para a divulgação da obra do imortal poeta.

Augusto dos Anjos e as Escolas Literárias

Antônio Martins inicia o capítulo, afirmando que “certas divergências de natureza estilística na obra poética de Augusto dos Anjos, trazem como consequência, a impossibilidade de sua filiação definitiva a essa ou aquela corrente literária”. Lembra entre os qualificativos atribuídos ao poeta, os seguintes: original, bizarro, irreverente, extravagante, sentimental, pessimista, cientificista, filosófico, simbolista, cerebral, neurótico, melancólico, amargurado, genial etc.

A indefinição torna-se cada vez mais complexa “avolumando-se a bibliografia referente à obra e à pessoa, “que sem exagero, pode ser considerada a mais extensa, entre os poetas brasileiros de todos os tempos”, é o que escreve Antônio Martins. Este refere-se à leitura por ele feita, da monografia de **Álvaro de Carvalho**, intitulada “Augusto dos Anjos e Outros Ensaios”, editada em João Pessoa em 1946 na qual estuda o autor do **Eu** sob o ponto de vista **psicopatológico**, entrando em detalhes e considerações interessantes que Martins Filho transcreve. — “Expressão de um grande talento, insulamento do

Eu, temperamento excepcional, taras hereditárias, hipersensibilidade e egocentrismo, percepções sombrias, formam parte da terminologia de Álvaro de Carvalho.

Assinala os vários estudos de real valor de Álvaro de Carvalho sobre Augusto dos Anjos, em seqüência digna de registro.

Antônio Martins, menciona, ainda, neste capítulo as contribuições:

1) De **Castro e Silva** (Augusto dos Anjos, Poeta da Morte e da Melancolia e “Augusto dos Anjos — O Poeta e o Homem”).

2) **Paulo Machado**, segundo o qual, Augusto dos Anjos pertencia a si próprio, ao seu gênio, à sua originalidade criadora, um inconfundível artista.

3) **A Nobre de Melo**, médico, meu colega de Faculdade, deve-se o estudo intitulado “Augusto dos Anjos e as Origens de sua Arte Poética”, que julgou razoável Augusto dos Anjos, na chamada escola científica ou filosófica, achando, porém, que se não filiou a nenhuma.

Antônio Martins Filho encerra o capítulo, com as seguintes palavras. “Em conclusão, observa-se a quase impossibilidade de julgar Augusto dos Anjos a qualquer das correntes literárias em evidência na primeira década deste século”. Foi portanto, um poeta “sui generis”, um artista original, e com evidentes manifestações de genialidade.

“Por outro lado, ao contrário da afirmação categórica de Álvaro de Carvalho, de que Augusto dos Anjos, não formou escola, nem abriu caminho para a poesia do futuro, o poeta do Eu pode e deve ser considerado um pré-modernista pela mensagem de libertação que emanava de grande parte de seus poemas.”

Razões da Angústia de Augusto dos Anjos

Antônio Martins Filho principia este capítulo, lembrando o nome do intelectual paraibano, Acadêmico **Horácio de Almeida**, a quem substituiu na Academia Carioca de Letras, ao ocupar a cadeira nº 13, que publicou em **1962**, a monografia “Augusto dos Anjos — Razões de sua Angústia”. Não admitia a loucura no Autor do **Eu**, mas o considerava diferente dos demais, com distúrbios do seu sistema nervoso, desajustamento.

Mencionam-se, entre as causas invocadas para a explicação do temperamento ou comportamento de Augusto dos Anjos e mesmo para as imagens, conteúdo e linguagem de suas produções poéticas:

1) **O estado emocional da genitora**, com traumatismo moral durante a gestação, seguido de perturbações psíquicas duradouras, mania de grandeza, fidalguia, orgulho.

2) **Rigorismo adotado pelo pai** na formação intelectual do poeta.

3) **Leitura excessiva** sobretudo de livros de filosofia materialista, Darwin, Haeckel, Spencer, Schopenhauer.

4) **A influência da poesia dita científica** introduzida no Brasil por Martins Júnior.

Estes são os prováveis fatores que podem responder pela formação da personalidade mentalmente doente de Augusto dos Anjos.

“O infortúnio no amor” focalizado por Antônio Martins, não poderia deixar, também, de ser um dos responsáveis pelo ceticismo, o pessimismo, a depressão, o derrotismo, as idéias fúnebres, voltadas para as covas, os cemitérios, os coveiros, as tristezas e desgraças, vermes e abismo. Hipocondríaco, revoltado, desgraçado, descrente, magoado, sentindo repugnância pelos ambientes, intolerâncias mórbidas e de adaptação, era capaz, contudo, no seu desequilíbrio emocional, de ir da profunda desilusão ao lirismo, ao sonho agradável.

A frustração no amor teria que ser assinalada na gênese da angústia de Augusto dos Anjos.

Recordo nesta oportunidade ter publicado, em “Atividades Culturais — 1984”, meu discurso de posse na Academia Carioca de Letras, no qual reportando-me a excelente monografia de Horácio de Almeida, tão bem estudada e apreciada agora por Antônio Martins Filho, afirmava, entre outros comentários: Este ensaio é um trabalho original, deveras interessante, crítico, interpretativo, psicoanalítico sobre a poesia de Augusto dos Anjos, prefaciado por Alveu Amoroso Lima.

Antônio Martins transcreve **“A ilha de Cipango”** e **“A árvore da Serra”**, do poeta, nos quais Horácio de Almeida, não obstante a linguagem hermética, simbólica, as metáforas, encontra dados que o levam a supor “que a causa do infortúnio de Augusto dos Anjos, fora, provavelmente, “o triste epílogo do seu primeiro e desgraçado amor”. (**“O moço triste era ele — Augusto dos Anjos e a namorada, a árvore da serra”**).

Antônio Martins resume a versão da **“tragédia amorosa”** de Augusto dos Anjos, sustentada por Horácio de Almeida, a qual toma foros de verdade. Segundo a mesma, o poeta, em torno dos 16 anos de idade, mantivera relações afetivas e sexuais com uma moça de nome Maria, de nível social inferior ao seu, no próprio lar paterno, a engravidara, seguindo-se à descoberta do amor clandestino, per-

seguição, castigo, aborto e finalmente a própria morte da amada, que sofrera demasiado, sobretudo da parte da mãe do apaixonado.

O depoimento de Ademar Vidal, lembrado por Martins Filho, oferece grande semelhança com o que relata e defende Horácio de Almeida, que fora investigador incansável do assunto em questão.

“**Súplica num Túmulo**” é outro soneto submetido à análise, à interpretação por Horácio de Almeida nas suas pesquisas.

Augusto dos Anjos Poeta Enigmático e Cerebral

Aqui o escritor Martins Filho, faz referência ao nome do intelectual paraibano J. Flóscolo da Nóbrega, ensaísta, autor do “**A Sombra do Eu**” que se preocupa com a obra do **Dr. Humberto Nóbrega**, o qual apresenta Augusto dos Anjos como “um grande amoroso, filho devotado, marido extremoso, pai amantíssimo, amigo cordial, brincalhão e dado a pilhéria”.

Martins Filho considera valiosíssima a contribuição de Flóscolo da Nóbrega que estuda o poema “Numa Forja” elogiando-o muito e os sonetos “Canto de Onipotência”, “Eterna Mágoa”, “Ao Luar” e “Anseio”, transcritos pelo Autor deste livro.

Este escritor examina os capítulos da “**Sombra do Eu**”: “**poesia (mais cérebro, que coração)**”; o emocional superado pelo intelectual; “**o intenso cerebralismo, afinal, ressecou as fontes da afetividade**” de um esquizotímico, com evidente instabilidade interior; autor de magníficos sonetos, mas também do emprego abusivo de palavras repugnantes, termos desagradáveis, fúnebres etc., constituem considerações que merecem registro.

Flóscolo da Nóbrega citado por Antônio Martins declara que a poesia de Augusto dos Anjos, “a par desses defeitos, apresenta em sua quase totalidade “**alto nível de perfeição**”, forma superfina como obra de ourivessaria, tratando-se de artífice inigualável, técnico exímio do verso, elogiando rima, cadência, musicalidade.

Augusto dos Anjos em Outra Dimensão

Este capítulo do livro de Antônio Martins desperta interesse entre outros motivos, pelo fato de focalizar e divulgar aspectos do comportamento de Augusto dos Anjos, pouco conhecidos ou pouco divulgados.

Antônio Martins vale-se para base de suas pesquisas, do livro “**Augusto dos Anjos e sua Época**”, de Humberto Nóbrega, assi-

nalando a participação do poeta na “literatura poética de anúncios comerciais”, como fizeram Olavo Bilac, Emílio de Menezes, Manoel Bandeira, Bastos Tigre e Belmiro Braga e, a produção de quadras e sonetos irônicos, dentre estes, figura “Smarts” esboçando o perfil de **Aprígio dos Anjos**.

Lembra Antônio Martins que do Jornal “**Nonevar**” editado outrora na capital da Paraíba, Humberto Nóbrega extraiu retratos poéticos, traçando o perfil de jovens conterrâneos de Augusto dos Anjos, com exaltação da elegância e da beleza.

Versos amorosos do poeta, em “**Fotografias**”, são dedicados à noiva Ester Fialho.

É ainda Humberto Nóbrega citado por Martins Filho, quem em capítulo intitulado “Augusto, poeta Galanteador”, cuida de um Augusto dos Anjos alegre, lírico, cantando em eruditos e primorosos versos, a formosura da mulher.

Augusto dos Anjos está em “**Nonevar**” (órgão do amor, da arte e da beleza, que circulava durante os dias da festa de Nossa Senhora das Neves) em 1909 e 1910, com preciosos poemas.

Humberto Nóbrega, refere-se a um Augusto dos Anjos diferente, crédulo, chistoso, motivado pelo belo e pelo jucundo, comprovando a personalidade complexa, difícil, polimorfa do genial poeta.

As doenças de Augusto dos Anjos

Já no início do capítulo, Antônio Martins declara que ao tomar conhecimento da existência de Augusto dos Anjos, em 1922, foi logo informado de que ele era portador de tuberculose pulmonar. Declara ainda o Autor desta obra que Gilberto Freire é apontado como sendo o primeiro intelectual que analisa de maneira profunda, em ensaio divulgado nos Estados Unidos, o poeta Augusto dos Anjos, aludindo em outro trabalho à tuberculose do poeta paraibano, tratando-o de “tísico”, como também o considerou Manoel Bandeira, outro tuberculoso, famoso como poeta. Raul Machado, comungava das mesmas idéias quanto à enfermidade de Augusto dos Anjos, das quais este mesmo compartilhava.

Martins Filho transcreve versos de “**As cismas do Destino**” e do poema “**Os Doentes**”, considerando este portador de uma das passagens mais empolgantes do **Eu** pela seqüência das imagens, pela musicalidade e encadeamento das estrofes, julgamento com que concordo, sem vacilar.

O Autor deste trabalho, comenta a tese do médico cearense João Felipe de Saboya Ribeiro apresentada à Faculdade de Medicina da Bahia em 1926 intitulada “**Ensaio Nosográfico de Augusto dos Anjos**”, na qual a segunda parte da dissertação é “A Melancolia — Doença de Augusto dos Anjos”, em que se enquadra o estado mental do poeta como psicose autônoma, contando com elementos tristeza e profunda dor moral.

A tuberculose seria causa da melancolia e da própria morte de Augusto dos Anjos.

Vale lembrar a esta altura dos acontecimentos, que o professor e médico Humberto Nóbrega, tantas vezes citado por Antônio Martins, nega ter sido Augusto dos Anjos tuberculoso e sim portador de “**bronquectasia**”.

As dúvidas persistem quanto ao diagnóstico preciso das enfermidades mental e física de que teria sido vítima Augusto dos Anjos e se não foi realizada autópsia, o próprio diagnóstico de **pneumonia**, baseado em dados clínicos, não basta para negar que esta não tenha sido a **forma pneumônica** da tuberculose pulmonar.

Quanto à idade, Manoel Bandeira, tuberculoso crônico, chegou a idade avançada. Tem razão Antônio Martins, dificilmente chegará a solução no que tange ao diagnóstico exato do que sofreu Augusto dos Anjos como **ser humano**.

Augusto dos Anjos Um Tema sempre Atual

Neste capítulo Antônio Martins assinala o comportamento da crítica em relação ao **Eu** que de certo modo hostil e mesmo agressiva quando da publicação da 1ª edição do livro, foi sofrendo crescente modificação com o aparecimento das edições seguintes contendo novos poemas, e os elogios que foram surgindo, galgando a obra uma posição invejável na literatura brasileira, deveras consagrada. Lembra Martins Filho as grandes homenagens promovidas ao Poeta em 1984, por ocasião do centenário de Nascimento de Augusto dos Anjos, sobretudo na Paraíba, sua terra natal.

O Autor reconhece ser tarefa difícil, tentar acrescentar algo **novo** ao assunto ora em estudo, confessando achar-se diante de um tema demasiado polêmico, complexo, além dos limites da pesquisa que planejava.

Em querendo continuar a cuidar da matéria em apreço, teria que se valer de outros elementos e anotações em seu poder, aprofundan-

do-se mais amiúde “na análise de livros, monografias, conferências, ensaios etc., sob seu domínio e conhecimento”. Lembra, então, os trabalhos de **Manoel Cavalcante Proença, José Américo de Almeida, Antônio Houaiss, Francisco de Assis Barbosa** e o estudo crítico do poeta maranhense **Ferreira Gullar**, que elogia, discordando deste último quando afirma que Augusto dos Anjos que se formara em Recife, em 1907, “ali, certamente, tornou conhecimento das várias doutrinas derivadas do materialismo, do evolucionismo, (Comte, Haecel, Darwin, Spencer) que mudaram, profundamente, sua visão do mundo e sua poesia.

“O cabedal de conhecimentos científicos e filosóficos já armazenara no Engenho Pau D’Arco, à sombra do tamarindo, orientado pelo rigoroso pai, enérgico, austero, professor Alexandre Rodrigues dos Anjos, seu verdadeiro mestre”.

Preocupa-se ainda Antônio Martins com dois trabalhos muito do seu agrado: O ensaio — Augusto dos Anjos e o Engenho Pau D’Arco de José Lins do Rego e “A Cosmo — Agonia de Augusto dos Anjos”, da autoria da escritora, professora Lúcia Helena.

Lembra o Autor deste ótimo trabalho que ora aprecio, **contacto e diálogo** entre Gilberto Freire que escreveu em inglês, valioso estudo publicado em revista americana a propósito de Augusto dos Anjos, “uma interpretação nova a um caso agudo de desajustamento de personalidade” e, o romancista José Lins do Rego. “Este escreve, conduzindo o assunto de maneira suave, em estilo ameno, tornando a narração atrativa”, na qual são incluídos a história da própria família de Augusto dos Anjos, exame do meio, do ambiente, os aspectos social, econômicos, políticos etc.

Ao lado do importante depoimento de José Lins do Rego, Antônio Martins comenta o conteúdo do livro de Lúcia Helena “**A Cosmo — Agonia de Augusto dos Anjos**”, “que construiu” um “poema-cosmogonia” ou seja a cosmo-agonia de Augusto dos Anjos — que oferece margem a algumas contestações.

Post Scriptum. Neste capítulo Antônio Martins, comenta o episódio **Olavo Bilac — Heitor Lima**, sem dúvida, desagradável, segundo o qual o autor de “Ouvir e entender estrelas”, demonstrou não só não conhecer Augusto dos Anjos, mas também não teve boa impressão, quanto ao soneto declamado, “**Versos a um Coveiro**”.

É possível que não o lado literário, mas sim a própria natureza do tema não tenha merecido boa acolhida.

“Poemas escolhidos ocupam a parte final do volume”. Vale registrar que muitos poemas e sonetos do poeta se encontram no interior dos capítulos onde foram estudados, examinados, interpretados, analisados, dentre eles diversos, que conquistaram franca popularidade, sirvam de exemplos: “Mistérios de um Fósforo”; “O Meu Nirvana”, “Vandalismo”; “Ricordanza Della Mia Gioventú”; “Debaixo do Tamarindo”; “As Cismas do Destino”; “Soneto”; “Monólogo de uma Sombra”; “Idealismo”; “Último Número”; “O Lamento das Coisas”; “A Árvore da Serra” (muito comentado, considerado obra prima, de rico lirismo) “Budismo Moderno”; “Versos Íntimos” (muito divulgado entre a mocidade do meu tempo e que ainda hoje guardo de cor) “A Ilha de Cipango” (um dos melhores poemas, muito analisado) “Súplica num Túmulo”; “Numa Forja” (muito elogiado) “Smarts”; “Os Doentes”; “Gemidos de Arte”.

Trata-se de um trabalho de grande monta, sobre um assunto que o Autor domina com total segurança e a que se prende com amor e arte, sentido-se feliz e realizado porque cumpriu um propósito que assumiu consigo mesmo, cuidar da personalidade, da vida e da obra do poeta de sua predileção — Augusto dos Anjos.

Este livro não pode ser apenas visto ou encarado dentro do limite ou do terreno das “reflexões”, mas como uma preciosa contribuição ao que se tem escrito sobre o poeta o “**Eu**”, pois é fruto de um longo e árduo esforço, representado pelas investigações e pesquisas trabalhosas, consultas a fontes múltiplas, leituras diversas, memórias e capacidade para julgar, selecionar e reter aquilo de bom, certo ou útil, já por outros propagado.

Boa didática, exposição clara, linguagem natural, sem rebuscados, asseguram uma leitura suave, agradável, não obstante o conteúdo, o substrato, a quantidade de matéria que o volume encerra.

Faço aqui um reparo: é que sendo um livro **aberto**, atraente, sobre tema tão sugestivo, interessante, o leitor ou comentarista se mete ou se intromete demasiado na obra, excedendo-se na apreciação que quase se transforma em resumo.

Trabalho de caráter global, abrangente, educativo, figura entre os melhores que já li sobre Augusto dos Anjos.

Parabéns ao consagrado mestre, Antônio Martins Filho.